

Política



Lei Antiterrorismo
Em cinco anos, 11 réus foram condenados.
Pág. A7

COLUNA DO ESTADÃO

ALBERTO BOMBIG
TWITTER: @COLUNA.ODESTADAO
COLUNA.ODESTADAO@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM/BRFBLOOS/COLUNA.DO.ESTADAO

PSDB sem candidato a presidente em 2022?

A “piscada” de João Doria no duelo interno do PSDB rumo à eleição presidencial de 2022 fez surgir nas bancadas do partido um movimento, ainda embrionário, para que os tucanos, pela primeira vez na sua história, abram mão de concorrer ao Palácio do Planalto. Por ora, a possibilidade de as candidaturas parlamentares do PSDB ficarem com todos os recursos eleitorais públicos do partido ajuda a germinar a sementinha. Se ela brotará ou não, só o tempo e as condições atmosféricas da política darão a resposta. Com o regador na mão está Aécio Neves.

» **Nem...** Após a reentrada de Lula na cena eleitoral, também ganha corpo a ideia de que um novo fracasso presidencial tucano, como o ocorrido em 2018, pode aniquilar o PSDB.

» **...pensar?** O remédio amargo seria aderir a um “bloco de centro” na disputa presidencial e liberar as coligações regionais. As duras condições sanitárias e econômicas do Rio Grande do Sul também são um complicador para Eduardo Leite, o outro presidenciável.

» **Difícil?** Mesmo com condução na direção certa do combate à covid-19 em São Paulo, os passos de Doria na política interna do PSDB fizeram o governador de São Paulo perder força.

» **Piscou.** A afirmação de Doria ao Estadão de que pode concorrer à reeleição abriu de vez a porteira para a debandada de seus apoiadores fora de São Paulo.

» **Para lembrar.** Numa reunião tensa no Palácio dos Bandeirantes, aliados do governador paulista surpreenderam o presidente do PSDB, Bruno Araújo, ao propor que Doria assumisse o comando do partido.

» **Juntos.** A ofensiva de Doria sobre Aécio Neves, na mesma ocasião, também acabou por motivar uma onda de solidariedade ao deputado mineiro, enrolado em processos na Justiça.

» **Timing é tudo.** A velocidade com que Doria se lançou na disputa pré-eleitoral também incomodou os tucanos. Nas palavras de um experiente deputado nordestino, o caçador não pode ultrapassar a caça.

» **Highlander.** Ao fim e ao cabo, Doria ajudou no renascimento de seu principal adversário interno, o deputado federal Aécio Neves, hoje o grande articulador nacional tucano.

» **SINAIS PARTICULARES.**
Aécio Neves, deputado federal (PSDB-MG)



PRONTO, FALEI!



Natalia Pasternak
Presidente do Instituto Questão de Ciência

“A vacina 100% brasileira funciona assim: os americanos desenvolvem, os vietnamitas e tailandeses arranjam os voluntários, e a gente entra com o ovo!”

Poderes. Com agravamento das crises sanitária e econômica no País, Lira e Pacheco alinham discurso com empresários e defendem uma intervenção nos rumos do governo

Centrão e mercado dão ultimato a Bolsonaro



Legislativo. Os presidentes da Câmara, Arthur Lira (à esq.), e do Senado, Rodrigo Pacheco; encontros com empresários

Felipe Frazão
André Shalders / BRASÍLIA

Uma série de nove encontros da cúpula do Congresso com grandes empresários, representantes de bancos e do mercado financeiro resultou num movimento político pela intervenção nos rumos do governo de Jair Bolsonaro. Os mais de 300 mil mortos na pandemia de covid-19 e a situação cada vez mais insustentável da economia levaram os presidentes da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), a afinar o discurso com o mercado. Os dois têm colocado o impeachment como possibilidade de se as conversas com o governo fracassarem.

As cobranças mais urgentes do setor econômico são a demissão dos ministros das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e do Meio Ambiente, Ricardo Salles. A avaliação recorrente nas reuniões é de que Araújo atrapalha as negociações por vacinas e insumos da Índia e da China. Já Salles, que comanda a criticada política ambiental brasileira, é visto como obstáculo na relação com Washington, especialmente agora que o País mira as vacinas excedentes dos Estados Unidos.

Interlocutores de Lira e Pacheco argumentam que, no caso específico, é errada a leitura de que a pressão pela troca dos dois ministros – verbalizada por eles – tenha como objetivo lotear o governo, uma demanda constante do Centrão. O intuito é atender à principal reivindicação do setor econômico e, de quebra, garantir um “ganho de imagem” perante seus novos interlocutores.

Na noite da última segunda-

feira, Washington Cinel, empresário do ramo de segurança privada, recebeu os presidentes da Câmara e do Senado em sua casa na Rua Costa Rica, no Jardim Europa, em São Paulo. Participaram do encontro presencial e remoto Luiz Carlos Trabuco Cappi (Bradesco), Carlos Sanchez (SEM) e André Esteves (BTG Pactual). As conversas à mesa de jantar foram precedidas por discursos breves de Lira e Pacheco, do anfitrião Cinel e dos também empresários Abílio Diniz e Flávio Rocha, que falaram por videoconferência. Uma das manifestações mais duras foi a de Pacheco. Mas, segundo presentes, não houve “tom panfletário” em público.

Os empresários relataram que a crise sanitária bloqueia investimentos externos e atinge diretamente os planos de abertura de capital de empresas, o IPO. “Quem quer fazer IPO não consegue ter grandes resultados, porque ninguém tem segurança de botar dinheiro no Brasil, principalmente pela condição sanitária”, disse o deputado Dr. Luizinho (Progressistas-RJ), presente ao encontro.

Jantares como este ocorrem com regularidade. Os encontros são promovidos uma vez por mês por nomes como Cinel e João Camargo, filho do ex-deputado José Camargo. Segundo um parlamentar que já esteve no convésco, eles se reúnem para tomar vinho e convidam um político para “cantar”. Lira era o convidado principal desta vez. Pacheco já estava em São Paulo e acabou sendo incluído.

Antes, Lira e Pacheco haviam passado na casa de Claudio Lotzberg, homem forte do Hospital Israelita Albert Einstein. Lá havia um grupo menor de empresários do setor de saúde. A conversa foi sobre a escassez

» **Recado**
“Se a coisa fugir do controle, se ele (Bolsonaro) quiser fazer tudo do jeito dele, fora da ciência, não tenha dúvida de que nós vamos atropelar”.

Fausto Pinato
DEPUTADO (PROGRESSISTAS-SP)

de sedativos e analgésicos, medicamentos usados para intubação de pacientes com quadro grave de covid-19, em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). A falta atinge o SUS e hospitais da rede privada.

Os dirigentes do Congresso também têm frequentado a Febraban, a Fiesp e participado de agendas fechadas em São Paulo com nomes de peso. No último dia 2, Pacheco esteve com Milton Maluhy Filho (Itaú), Octávio de Lazari Jr. (Bradesco) e Roberto Sallouti (BTG). Um dia antes, os dois políticos falaram na Fiesp para Abílio Diniz e Rubens Menin. Em 25 de fevereiro Lira já havia estado com Sergio Rial (Santander), entre outros.

Demitir ministros pode ser traumático para Bolsonaro. A substituição de Salles, por exemplo, implica uma ruptura com a faixa média dos ruralistas, justamente o setor que desde o início apoiou a campanha do presidente, em 2018. Os líderes do Centrão têm deixado claro, porém, que a sobrevivência do governo depende das mudanças.

Vacina. Um outro encontro de Pacheco por videoconferência foi organizado no último dia 11 pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc). Luiz Antônio França, presidente da entidade que reúne grandes construtoras, afirmou que o objetivo da conversa

foi buscar o melhor para a economia. “O que a gente percebe é um alinhamento entre as duas Casas (do Congresso)”, disse França. “E o que é o melhor para a economia? Primeiro, resolver a pandemia. Depois, um país com capacidade de investimento e crescimento”, completou. “A prioridade é vacinar.”

Uma queixa, em especial, marcou as reuniões com as presenças de Lira e Pacheco. Os empresários destacaram que as medidas para conter o avanço da pandemia dependem do Executivo, razão pela qual, desta vez, não há como tratar Bolsonaro como “café com leite”. Trata-se de uma situação diferente do processo de votação da reforma da Previdência, por exemplo. Na época, o presidente era contra a proposta, mas o Legislativo deu de ombros e aprovou a medida.

Em sintonia com empresários e mercado, líderes do Centrão dizem que, diante do fracasso no controle da pandemia, o presidente não terá mais a tolerância do Congresso. “Bolsonaro está no fio da navalha. Se a coisa fugir do controle, se ele quiser fazer tudo do jeito dele, fora da ciência, não tenha dúvida de que nós vamos atropelar”, disse o deputado Fausto Pinato (Progressistas-SP).

Pinato advertiu que “ninguém” quer afrontar o presidente, mas ele precisa assumir a liderança dentro de uma “racionalidade mundial”, e não na “destemperança” da ala ideológica. “O impeachment está descartado, desde que ele mantenha esse diálogo construtivo. Se tiver ameaça de choque institucional ou sair da racionalidade no combate à pandemia, ninguém vai pular no buraco com ele, não”, resumiu o parlamentar.

Lira chegou a incluir impeachment no discurso

BRASÍLIA

Foi na condição de porta-vozes do mercado que os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), e da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), participaram, na manhã da última quarta-feira, de um encontro com o presidente Jair Bolsonaro para discutir a pandemia, no Palácio do Planalto. Na ponta da língua eles tinham as queixas e avisos do empresariado,

de banqueiros e do mercado financeiro. Coube a Pacheco sugerir a criação do comitê para coordenar o enfrentamento da covid-19. Ao fim do evento, a iniciativa foi anunciada por Bolsonaro – os participantes quiseram evitar a impressão de que ele teria sido “atropelado”.

Os parlamentares saíram do Planalto, porém, certos de que Bolsonaro não tinha interesse em mudar a postura. Lira ficou furioso ao avaliar que ele debo-

chou do grupo – o presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, foi um dos presentes.

Ainda na quarta, Lira decidiu fazer um discurso no plenário para alertar Bolsonaro de que o Congresso dispõe de “remédios políticos amargos”, alguns “fatais”, com o objetivo de impedir “a espiral de erros de avaliação”. A primeira versão do texto continha a palavra “impeachment”.

Tanto Lira quanto Pacheco ouviram dos empresários a expectativa de que o presidente “troque de roupa”. Há consenso também de que um impeachment exige tempo e, neste momento, prejudicaria ainda mais o controle da pandemia. A pro-

posta, no entanto, não está mais tão distante. Ao Estadão, Lira descartou a abertura de uma CPI da Saúde para pressionar o governo. “CPI resolve zero”, disse ele. “Assustar quem já morreu?”, questionou, numa referência ao general Eduardo Pazuello, demitido do Ministério da Saúde. “Vamos para outras medidas”.

Um interlocutor do Congresso observou que não dá para o presidente continuar governando por instinto, com a gasolina a R\$6, “Lula livre” e, sobretudo, mais de 300 mil vidas perdidas para a covid-19. A avaliação é que Bolsonaro precisa entender que não vive mais no auge da popularidade. /A.S. e F.F.